

Arte, Tecnologia & Energia 2

DELGADO, Marco. "Arte, Tecnologia & Energia 2". Agência CanalEnergia. Rio de Janeiro, 19 de agosto de 2020.

Na crônica Arte, Tecnologia & Energia contextualizei evoluções das expressões humanas, do aprimoramento de técnicas de manuseio, bem como do avanço tecnológico que culminaram, numa veleidade harmônica, no movimento do Renascimento pelo idos do século XVI. Neste segundo ato, vamos fustigar o tempo cadenciado e retornar a momentos anteriores para buscar reflexões, até mesmo literais, à modernização do Setor Elétrico Brasileiro e ao ambiente promissor de crescimento do mercado livre.

Chegamos, então, na região de Flandres em meados do século XV. Os artistas daquele condado trouxeram inovações que eram menos tecnológicas e mais próximas do que atualmente chamamos de "experiência do cliente". Uma delas é a existência de pinturas de espelhos, especialmente no último plano da obra, para que o apreciador pudesse se sentir naquele momento, como se fizesse parte da própria cena. Hoje, talvez, isso possa parecer primário, haja vista o aparato tecnológico disponível em nossas mãos, mas imagine-se, por alguns instantes, a mais de 500 anos. Outra característica é a retratação de passagens bíblicas com personagens em vestimentas da idade média e nas paisagens do que hoje é a Bélgica, região distante de onde ocorreram os respectivos fatos. Esse lapso espacial e temporal pode resultar em análises equivocadas nas ciências sociais, mas no contexto das artes é uma faceta do Anacronismo.

De volta ao presente e ao nosso setor. Na última década os ganhos de tecnologia, de escala e de competição resultaram em reduções de mais de 80% nos custos das fontes renováveis de energia. Isso é uma excelente notícia para a sociedade, haja vista os benefícios ambientais e, agora, econômicos alcançados. A política de subsídios e isenções tarifárias atendeu aos objetivos de romper o que os economistas chamam de "imperfeições de mercado". Estamos no caminho certo para sedimentar uma matriz energética descentralizada e descarbonizada. Para consolidar o triunvirato da sustentabilidade, falta a dimensão social que será atingida, respeitando contratos vigentes, pelo reconhecimento da missão cumprida dos subsídios e isenções, inclusive dos implícitos. Preterir essa decisão é transmutar uma vitoriosa política de incentivos num anacronismo sem a beleza das artes, revelando que o discurso de modernidade do futuro deixa às sombras deleites do passado e dubiedades do presente.

Nesse contexto, é oportuno lembrar os espelhos das obras do gótico flamengo e o quanto a "economia colaborativa" estimulou a produção artística. Naquele tempo, as Guildas operavam o que atualmente conhecemos como crowdfunding. Eram confrarias compostas por religiosos ou mercadores ou simples amantes das artes que patrocinavam obras com temas específicos ou abrangentes para explorar a criatividade dos artistas. Nesse composé de reflexões e refrações, quando tempo e espaço são irrelevantes, a CCEE reflete volições de uma guilda quando cria e opera as regras e os meios tecnológicos para a existência do mercado livre de energia elétrica, bem como monitora as práticas para garantir um ambiente competitivo e sadio. Dessa forma, viabilizam-se benefícios diretos aos agentes e indiretos à

sociedade, haja vista o ambiente favorável à inovações nos modelos de negócio do setor elétrico.

Deixando o abstrato e se deparando com o figurativo, um bom exemplo de que a economia colaborativa na Renascença elevou inspirações e propiciou mais profundidade às obras artísticas foi a concorrência promovida pela Guilda Calimala, com o tema “O sacrifício de Isaac”. O laureado foi Lorenzo Ghiberti que superou outros renomados artistas quando arriscou a estratégia de simplificação ao se abstrair de todos os detalhes e retratar a essência daquela passagem. Essa obra é conhecida, coincidência ou não, por alvissareira mensagem aos que acreditam e buscam, de fato, a inovação em nosso setor: “Portas do Paraíso”.

Marco Delgado é Conselheiro da CCEE